



# Repensar Portugal, a Europa e a Globalização

Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 anos

José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

**Coordenação científica**

Susana Alves-Jesus

**Coordenação executiva**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
2022

COLEÇÃO  
DE **ESTUDOS**  
**— GLOBAIS**  
Compreender a Globalização

**COLEÇÃO  
DE ESTUDOS  
GLOBAIS**

Compreender a Globalização

**DIREÇÃO DE**

Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

**COMISSÃO CIENTÍFICA CONSULTIVA INTERNACIONAL**

- Anabela Pereira (Universidade de Aveiro)  
Annabela Rita (Universidade de Lisboa)  
António Araújo (Universidade de Lisboa)  
Arlindo Oliveira (Universidade de Lisboa)  
Carlos Borrego (Universidade de Aveiro)  
Carlos F. Clamote Carreto (Universidade Nova de Lisboa)  
Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra)  
Celso João Carminati (Universidade do Estado de Santa Catarina)  
Christine Vogel (Universität Vechta)  
Delfim Leão (Universidade de Coimbra)  
Edgard Leite (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)  
Fabrice d'Almeida (Université Paris II – Panthéon-Assas)  
Jacinto Jardim (Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta)  
José António Porfírio (Universidade Aberta)  
José Ignacio Ruiz Rodríguez (Universidad de Alcalá de Henares)  
José Maria Silva Rosa (Universidade da Beira Interior)  
Luís Machado de Abreu (Universidade de Aveiro)  
Luísa Paolinelli (Universidade da Madeira)  
Luiz Eduardo Oliveira (Universidade Federal de Sergipe)  
Marco Daniel Duarte (Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta)  
Mariagrazia Russo (Università degli Studi Internazionali di Roma)  
Norberto Dallabrida (Universidade do Estado de Santa Catarina)  
Onésimo Teotónio Almeida (Brown University)  
Paulo Ferreira da Cunha (Supremo Tribunal de Justiça)  
Paulo Mendes Pinto (Universidade Lusófona)  
Pierre Antoine Fabre (École des Hautes Études en Sciences Sociales)  
Rogério Luiz de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina)  
Stephen Croucher (University of New Zealand)  
Tania Martuscelli (University of Colorado Boulder)  
Teresa Pinheiro (Technische Universität Chemnitz)  
Valérie Devillard (Université Paris II – Panthéon-Assas)  
Viriato Soromenho-Marques (Universidade de Lisboa)

# Repensar Portugal, a Europa e a Globalização

Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 Anos

José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

**Coordenação científica**

Susana Alves-Jesus

**Coordenação executiva**

**EDIÇÃO** Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt | URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc) | Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO CIENTÍFICA** José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

**COORDENAÇÃO EXECUTIVA** Susana Alves-Jesus

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA** Carolina Grilo

**REVISÃO** Ana Rita Araújo, Carlos Serra, João Diogo Loureiro e Milene Alves

**TRADUÇÃO** Ana Rita Araújo, José Bernardino, Julia Bogado, Maria João Nobre e Porfírio Pinto

**FOTOGRAFIA DA CAPA -**

**ISBN 978-989-26-2224-8**

**ISBN DIGITAL 978-989-26-2225-5**

**DOI** [HTTPS://DOI.ORG/10.14195/978-989-26-2225-5](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2225-5)

**DEPÓSITO LEGAL** 492329/21

**APOIO EDITORIAL E DISTRIBUIÇÃO** Theya Editores – CEG-CIPSH-UAb

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA  
Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa | (00351) 934 323 983 | 969 977 702  
[theyaeditores@gmail.com](mailto:theyaeditores@gmail.com) | <http://theya-ed.org/>

Centro de Estudos Globais / Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta – CEG-CIPSH-UAb  
Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 147 | 1269-001 Lisboa

As imagens publicadas na presente obra foram cedidas pelos autores dos textos que a compõem, que se responsabilizam exclusivamente pelas mesmas.

Coleção promovida em parceria com o DEG – Programa de Doutoramento em Estudos Globais/CEG/UAb e com a Fundação Calouste Gulbenkian, e em associação com a Theya Editores do IECCPMA.

**COLEÇÃO DE ESTUDOS GLOBAIS**

**DIREÇÃO DE** Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

© JANEIRO 2022, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Repensar Portugal, a Europa e a Globalização:  
Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 Anos /  
coordenação científica José Eduardo Franco e  
Guilherme d'Oliveira Martins

ISBN – 978-989-26-2224-8 (ed. impressa);  
ISBN – 978-989-26-2225-5 (ed. eletrónica)

I – FRANCO, José Eduardo  
II – MARTINS, Guilherme d'Oliveira

CDU -

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	13
Marcelo Rebelo de Sousa	
<b>Preâmbulo</b> .....	17
José Nunes Farinha	
<b>Introdução: Em busca do tempo...</b> .....	19
José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins	
<b>Abertura: Pensamento global</b> .....	25
Edgar Morin	
<b>I. Política, Fé e Sociedade</b> .....	27
Padre Manuel Antunes: Portugal e a globalização .....	29
Adriano Moreira	
Ética, política & direito democrático: Tópicos para a atual crise .....	37
Paulo Ferreira da Cunha	
Manuel Antunes, mestre da democracia .....	53
António Pedro Barbas Homem	
Padre Manuel Antunes: A atualidade de um centenário .....	63
João Costa	
Relações do Padre Manuel Antunes com a elite política portuguesa no período de transição para a democracia .....	69
João Relvão Caetano	
<b>II. Europa, Democracia e Desafios Globais</b> .....	85
A promessa da Europa: Construção europeia e democracia transnacional .....	87
Mendo Castro Henriques	
Repensar Portugal e a ideia de Europa: Pensamento contemporâneo .....	105
Isabel Baltazar	
Descolonizar o pensamento, globalizar a inclusão .....	127
António Fernandes	
Portugal, «rosto» da Europa .....	139
Annabela Rita	

Portugal contemporâneo: Desafios da globalização .....	151
Kate Constantino Oliveira e Luiz Eduardo Oliveira	
<b>III. Intérpretes do Mundo Contemporâneo .....</b>	<b>167</b>
Padre Manuel Antunes e George Steiner, intérpretes do mundo contemporâneo .....	169
Elísio Gala	
Maurice Merleau-Ponty em Manuel Antunes .....	185
Manuel Sérgio	
Dos antípodas ao poliedro: Globalização e teologia em Vieira e em Bergoglio .....	193
Porfírio Pinto	
<b>IV. Política, Moral e Revolução: Temas e Problemas .....</b>	<b>205</b>
As prioridades de política para a diáspora portuguesa em tempos de globalização .....	207
José Luís Carneiro	
O diverso e o uno: O Padre Manuel Antunes e o olhar para as minorias .....	225
Paulo Mendes Pinto	
Poder, participação e corresponsabilidade «4.0» .....	231
Manuel Oliveira de Sousa	
A (tão) serena (quão firme) demanda da justiça social em Manuel Antunes .....	241
Manuel Januário da Costa Gomes	
<i>Repensar Portugal</i> , do Padre Manuel Antunes: A importância dos partidos na iniciação política .....	255
José Maria Silva Rosa	
Manuel Antunes, o imperativo da «revolução moral» e o Brasil .....	277
Edgard Leite	
<b>V. Educação, Globalização e Futuros Possíveis .....</b>	<b>289</b>
Manuel Antunes, filósofo da educação .....	291
Leonel Ribeiro dos Santos	
Sem educação não há globalização: Para uma globalização plural e humanizada .....	319
Darlinda Moreira	

Educação intercultural e globalização: Caminhos de abertura e de inclusão nas escolas portuguesas .....	327
Alexandra Leandro	
Wikipédia, um recurso... aberto? educacional? global? .....	339
Filomena Pestana e Teresa Cardoso	
<b>VI. Desafios e Oportunidades dos Novos Contextos do Humano</b> ....	<b>355</b>
Padre Manuel Antunes, humanista e paladino das humanidades .....	357
Onésimo Teotónio Almeida	
Inteligência artificial e utopia .....	363
Vitor Vaz da Silva	
As cidades inclusivas, acolhedoras e inteligentes do futuro: Desafios e tendências .....	377
Adelino Ribeiro e Paula Teles	
Nem mesmo em nome do bem comum: Recuperando o fundamento ético da abolição da pena de morte .....	385
José Carlos Lopes de Miranda	
Que lugar para a esperança? A problemática do desenvolvimento sustentável, entre o local e o global .....	405
Noémia Maria Simões	
<b>VII. Educação e Renovação Pedagógica em Chave Global</b> .....	<b>415</b>
Pierre Faure no espaço ibero-americano: Anotações introdutórias .....	417
Norberto Dallabrida	
Aprender com os outros: Escutas, diálogos e esperanças .....	429
Celso João Carminati	
Manuel Antunes: O lugar das humanidades no futuro da educação .....	445
Artur Manso	
A arte sempre incompleta de renovar: Projetos de atualização pedagógica dos Jesuítas .....	463
José Eduardo Franco e Rita Balsa Pinho	
<b>VIII. Liberdade de Ensinar e de Aprender</b> .....	<b>477</b>
Na expectativa do ensino livre, à luz do Padre Manuel Antunes .....	479
Jorge Cotovio	
A liberdade impossível .....	487
João César das Neves	

Conhecimento, opinião, democracia e educação .....	499
Luís Queirós e Paula Queirós	
A liberdade de escolha e o paradigma da aprendizagem .....	505
Cristina Faustino Agreira e Paulo Simões Lopes	
<b>IX. Empreendedorismo, Educação e Globalização .....</b>	<b>515</b>
Condições para a promoção do empreendedorismo nas indústrias culturais e criativas em Portugal .....	517
José António Porfírio	
As <i>soft skills</i> dos políticos com impacto social: Quadro de referência das competências políticas criado com base na obra antuniana .....	547
Jacinto Jardim	
As <i>soft skills</i> e os novos desafios da liderança espiritual vs. liderança autêntica na Indústria 4.0 .....	571
Maria Elisete dos Reis Martins Ferreira	
Novos modelos de negócio .....	583
João M. S. Carvalho	
<b>X. Globalização, Transdisciplinaridade e Educação Integral .....</b>	<b>591</b>
Traços transdisciplinares na obra do Padre Manuel Antunes: Uma análise crítica à luz da Carta da Transdisciplinaridade/ UNESCO – 1994 .....	593
Adérito Fernandes-Marcos e Marcos Luiz Mucheroni	
Artes vivas, globalização e transdisciplinaridade .....	603
Júlio Martín da Fonseca	
O universal concreto: Considerações teológicas sobre a globalização .....	609
João Manuel Duque	
Os marcadores da educação do futuro .....	625
Anabela Pereira	
<b>XI. Conciliar Mundos: Entre Clássicos e Modernos .....</b>	<b>639</b>
A filosofia que «faz questão» .....	641
Luís Machado de Abreu	
Padre Manuel Antunes: A filosofia como «espaço do espírito» .....	653
Miguel Real	

Reféns da filosofia antiga: Nótula de desengano contra os gregos .....	671
Manuel Curado	
Um homem de Deus na cultura: Para uma releitura paulina da vida e obra do Padre Manuel Antunes .....	689
José Brissos-Lino	
Padre Manuel Antunes: Filosofia da cultura e cultura da filosofia .....	699
Maria Leonor L. O. Xavier	
A cultura clássica, elo de união entre o Padre Manuel Antunes e o infante D. Pedro de Avis .....	715
António Moniz	
<b>XII. Temas de História e de Cultura .....</b>	<b>727</b>
Reflexões sobre a crise dos Estados-nação no marco de um novo ciclo globalizador .....	729
José Ignacio Ruiz Rodríguez	
Perceções jesuítas do governo de Pombal e do Século das Luzes: A avaliação do Padre Manuel Antunes .....	741
José Eduardo Franco e Paula Carreira	
Romper com a tradição, conservar na inovação: Notas preliminares sobre os progressos e continuidades da reforma dos Estatutos Pombalinos da Universidade de Coimbra .....	753
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes, Elaine Maria Santos e Luiz Eduardo Oliveira	
Para a génese da interculturalidade: As cartas dos Jesuítas e a construção da nova mundividência global na Época Moderna .....	783
Paulo de Assunção	
Portugal pelo olhar de um filho da diáspora .....	797
Amadeu Prado de Lacerda	
A retórica do padre Carlos Mugica, o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo e a vigilância da Direção de Inteligência da Polícia da Província de Buenos Aires .....	811
María Alejandra Vitale	
<b>XIII. Intercâmbios Globais, Ecologia e Revolução das Mundividências</b>	<b>823</b>
Cultura e globalização .....	825
Marília Pulquério Futre-Pinheiro	
Espiritualidade, globalização e educação: É possível uma verdadeira globalização? .....	843
Vasco Pinto de Magalhães	

Mística da ação e da protoglobalização em Padre António Vieira: A (des)construção do humano, do tempo e do espaço na profecia dos tempos .....	849
Eugénia Abrantes	
Ecologia e globalização: Implicações práticas da encíclica <i>Laudato Si'</i> .....	867
Maria Luísa Ribeiro Ferreira	
Reconhecer Manuel Antunes para pensar a humanidade que ainda quer subsistir .....	877
Alexandre Honrado	
<b>XIV. Questões Atuais, Questões Globais</b> .....	<b>885</b>
O Padre Manuel Antunes e a ciência .....	887
Carlos Fiolhais	
Migrações em Portugal: Factos e representações .....	901
Maria Beatriz Rocha-Trindade	
Portugal global: Um inovador e pacificador conceito de «Museu da Interculturalidade» e Língua, interculturalidade e Descobrimientos portugueses como Património Mundial .....	921
Matilde Sousa Franco	
O <i>homem espuma</i> contra o <i>homem todo</i> : Apontamentos para uma leitura sobre direitos humanos na obra do Padre Manuel Antunes .....	937
Susana Mourato Alves-Jesus	
<b>XV. Crítica Literária</b> .....	<b>949</b>
A paciência da metáfora e o infinito da leitura (teoria, hermenêutica e crítica da arte literária em Manuel Antunes) .....	951
José Carlos Seabra Pereira	
Manuel Antunes: A crítica literária e o sentido humanista da literatura .....	963
Dionísio Vila Maior	
Formação, literatura e empatia num mundo global em Manuel Antunes .....	977
Luísa M. Antunes Paolinelli	
A condição (des)humana: Manuel Antunes e a literatura dos campos de extermínio .....	987
Sérgio Guimarães de Sousa	
Do «prometeísmo surrealista», ou o surrealismo como modernidade absoluta, segundo o Padre Manuel Antunes .....	999
Rui Sousa	

<b>XVI. Diálogos com Autores Portugueses</b> .....	1015
Manuel Antunes: Crítico de Pessoa, Pascoaes e Régio .....	1017
António José Borges	
A filosofia como expressão da vida espiritual numa cultura: Entre Manuel Antunes, Francisco da Gama Caeiro e José Marinho .....	1029
Renato Epifânio	
Sophia e o Padre Antunes: O que podem a literatura e a poesia .....	1037
Isabel Nery	
A problemática do romance português: O Padre Manuel Antunes e Teixeira de Queiroz .....	1047
Ana Lúcia Curado	
<b>XVII. Fátima, Um Santuário Aberto ao Mundo</b> .....	1063
Santuário de Fátima, lugar global num mundo globalizado .....	1065
Carlos Cabecinhas	
Da micro à macroescala: Dizer Fátima cem anos depois .....	1077
Marco Daniel Duarte	
Fátima, notícia para um mundo global .....	1093
Américo Pereira	
A Virgem Peregrina de Fátima no contexto da globalização .....	1099
Sónia Vazão	
Fátima e o Leste: Leituras mútuas em contexto de conflito político-ideológico .....	1111
André Melícias	
<b>XVIII. Trajetos, Vivências e Causas</b> .....	1123
O Padre Manuel Antunes e o serviço na Companhia de Jesus .....	1125
António Júlio Trigueiros	
O que é ser escritor jesuíta no século XX? Manuel Antunes, do <i>scriptor</i> ao <i>auctor</i> .....	1135
Pierre Antoine Fabre	
O conelho da Sertã na vida e na pseudonímia do Padre Manuel Antunes ...	1147
Rui Pedro Lopes	
A obra do Padre Manuel Antunes publicada na <i>Brotéria</i> : Uma análise quantitativa .....	1155
António Barros	

<b>XIX. Memória e Testemunho</b> .....	1169
Padre Manuel Antunes, pedagogo da liberdade .....	1171
Lídia Jorge	
O que devo ao Padre Manuel Antunes .....	1177
† Manuel Ferreira Patrício	
Padre Manuel Antunes e a Reforma das Faculdades de Letras .....	1185
Joaquim Cerqueira Gonçalves	
Um sábio muito humano .....	1191
Maria Alzira Seixo	
<b>Epílogo: Manuel Antunes, SJ: História e cultura</b> .....	1195
Luís Filipe Barreto	

# Manuel Antunes

## A crítica literária e o sentido humanista da literatura

*Manuel Antunes: Literary criticism and the humanistic meaning of literature*

Dionísio Vila Maior

UNIVERSIDADE ABERTA / [dionisiovm@gmail.com](mailto:dionisiovm@gmail.com) / ORCID | 0000-0002-5425-0051  
[https://doi.org/10.14195/978-989-26-2225-5\\_66](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2225-5_66)

**Resumo:** Reflexão sobre a posição de Manuel Antunes – que assenta num forte personalismo humanista cristão – relativamente ao modo como podemos encarar e abordar a literatura.

**Palavras-chave:** Manuel Antunes; literatura; crítica literária; humanismo

**Abstract:** Analysis of Manuel Antunes' thought – based on a strong Christian humanist personalism – regarding the way we can look and approach Literature.

**Keywords:** Manuel Antunes; Literature; literary criticism; humanism

### 1.

Numa entrada do volume 8 da *Verbo/Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, intitulada «Literatura de ficção», Manuel Antunes escreve: «Em princípio, toda a literatura é obra de “fingimento”, do trabalho da imaginação, da intervenção, mais ou menos prolongada e intensa, da fantasia» (Antunes, 2009a: 16). Ainda num outro texto, intitulado «Para que serve a literatura?» (1966), afirma:

Uma obra literária é um *mito*. Isto é: é uma palavra que revela e oculta; uma palavra do passado que se atualiza no presente; uma imagem da vida e uma transfiguração da mesma vida; um símbolo que reúne, num espaço comum, coisas distantes e opostas; uma alegoria que sobrenada as águas profundas da afetividade, percorre a existência e desemboca num horizonte onde se perde deixando de ser funcional. (Antunes, 2009a: 49)

Com base nestas palavras do autor de *Ao encontro da Palavra*, parece-nos possível destacar a configuração de duas ideias nucleares, que procuraremos desenvolver – ponto de partida para outras considerações relacionadas com a forma como encara a funcionalidade da *crítica literária* e do *crítico literário*: a noção de *fingimento* e a noção de *representação*.

## 2.

Ora, quando Manuel Antunes se refere ao «trabalho da imaginação» e à «intervenção [...] da fantasia», próprios do ato de produção literária, bem como ao «trabalho» inerente a essa atividade, ou ainda quando conforma a «obra literária» como «imagem da vida» e «transfiguração da mesma vida», mais não faz do que sublinhar, por um lado, as virtualidades estéticas que decorrem do processo de *representação* literária e, por outro, o seguimento ficcional que impende sobre o texto literário, devolvendo mediatamente, aliás, esta questão à problemática da *referência*, do *mundo possível*, do *pacto de leitura*, da *verdade ficcional*, que necessariamente contorna o ato de criar, modelar, mentir, fazer, o texto literário. São essas virtualidades as mesmas que se corporizam em procedimentos identificáveis não com a realidade empírica (no sentido que a *imitação*, a «transfiguração» imediata dessa realidade, poderia fazer confundir), antes com o impulso de «tornar presente» as propriedades daquela, ocultando e simulando o emblema de autenticidade. São essas virtualidades as mesmas que se corporizam com o ímpeto de, disse-o Roman Ingarden,

«dar a conhecer» algo diferente do elemento representante, em que o representante «imita» o representado, oculta-se a si mesmo como representante para se mostrar ao mesmo tempo como o pretensamente representado e assim trazer, por assim dizer, da distância o outro que de facto apenas representa e deixá-lo a ele mesmo falar na sua própria figura. (Ingarden, 1979: 267)

E os termos assim colocados lembram de imediato o que Fernando Pessoa sintetizara em 1912 e em, provavelmente, 1916: em 1912 (a propósito de um inquérito promovido por Boaventura Portugal a alguns intelectuais acerca da vida literária portuguesa), em réplica a Adolfo Coelho, quando se refere ao «equilíbrio» que, no plano literário, obriga à elaboração de «impressões vindas do exterior» (Pessoa, 1986b: 1199); em, talvez, 1916, ao afirmar que a arte «é uma tentativa de criar uma realidade inteiramente diferente daquela que as sensações aparentemente do exterior e as sensações aparentemente do interior nos sugerem» (Pessoa, 1966: 191).

Entretanto, para uma mais sustentada clarificação do posicionamento de Manuel Antunes no que a esta problemática diz respeito, torna-se de igual modo importante recordar o que escreveu sobre o ato de produção literária em si mesmo considerado; e o que lembra no texto intitulado «Ordem ou inspiração, em poesia?» (1953) é, a este nível, muito significativo – «Inspiração ou ordem? Uma e outra.

Sem a primeira, não pode haver poesia; sem a segunda, não se constrói o poema» (Antunes, 2009a: 28) –, posição que, de novo, remete para a conceção pessoal sobre a pluralização do *eu* monológico e o distanciamento alteronímico com que o sujeito produtor de sentidos literários se compromete no ato de produção poético-literária; a espontaneidade, a «inspiração», a figuração de Atena, são conaturais ao processo de produção estético-literária, mas também o são a «ordem», o trabalho intelectual sobre aquele primeiro impulso. Ou, como diz aquele que foi o criador de mais de 120 pseudónimos (também por aqui numa similaridade com a tendência pessoal): «[...] a literatura é um sistema que procede por via do entendimento e não por qualquer processo, meta ou pré-lógico, de intuição pura [...] ou de confusão sensorial» (Antunes, 2009a: 48).

### 3.

Ao invocarmos aqui as posições deste professor nascido a 3 de novembro de 1918, deste humanista de tão sólida formação histórica e religiosa – diretor que foi da revista *Brotéria* (onde colaborou com mais de 400 artigos) e docente de História da Cultura Clássica e História da Civilização Romana na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa –, fazemo-lo tendo em consideração que elas assentam, em primeira análise, numa prática crítica cujos contornos se enraízam na atitude científica, exigente e disciplinada por parte de quem estudou e analisou profundamente a cultura e a literatura clássicas. E se é certo afirmar que a sua teoria de educação assenta num forte personalismo humanista cristão, numa visão globalizante do ser humano, não é igualmente menos correto afirmar – como sustenta no texto «Prometeísmo existencialista» (de 1952, escrito cinco anos antes da sua atividade de segundo assistente na Universidade de Lisboa) – a sua certeza nas finalidades supremas da (grande) literatura: em primeiro lugar, ela deve contribuir para que consigamos melhor apreender a relação que mantemos com o divino, tributando assim nesse propósito a qualidade do sublime no próprio homem e configurando-se, também por aí, a sua certeza na unicidade e na irrepetibilidade de cada obra literária (como diz no texto «Que pode hoje a literatura?» (Antunes, 2009a: 59)). Em segundo lugar, a (grande) literatura – também porque nela se consegue unir o «domínio da percepção cognitiva» e o «domínio da linguagem, da linguagem erguida em imagens, em ritos, em símbolos» (Antunes, 2009a: 60) – é um meio para compreendermos a vida e o homem, estabelecendo-se, assim, nas intermitências de uma certa totalidade; a (grande) literatura constrói-se sobre a transgressão,

já que se edifica sobre a língua, consolidada por classificações categoriais; e, por essa ótica, a língua oprime, pela autoridade com que determina os seus propósitos e pela congregação identitária com que submete cada sujeito falante, podendo cada um de nós encontrar nessa forma de opressão alguma coerência, não com a «morte do autor», que seria proclamada por Barthes, que equaciona a escrita como local «neutro» onde o autor perde a identidade (Barthes, 1987: 51), e por Foucault, cujos termos não se compadecem com a unidade do *cogito* cartesiano (Foucault, 1968: 24; 1992: 333ss.), mas com a «ontologia hermenêutica» de Heidegger, onde prevalece a noção da «essência da linguagem como a casa da verdade do ser», da linguagem em detrimento do sujeito (Chédin, 1997: 100-104). Porém, a (grande) literatura, na sua legitimação do real (já que o *representa*), ratifica a tentação do utópico, consentindo por aí uma certa contiguidade com as noções de *plenitude* e de *humanismo*. Escreve o pedagogo, o religioso, o crítico Manuel Antunes, já em 1954, no texto «Literatura de hoje, ideologia vital»:

Expressão, através da palavra, de um temperamento e recriação do universo pelo homem, espírito encarnado nesse mesmo universo, eis como, em todos os tempos, implícita ou explicitamente, se considerou literatura, a grande, a autêntica literatura. (Antunes, 2009a: 19)

O significado destas palavras parece-nos muito pertinente, por nelas se poder perceber o quanto a literatura, a «autêntica literatura», constitui um meio para que possamos compreender as silentes contingências da vida e do homem, a «recriação do universo», as intermitências da totalidade (pois *modeliza*, com uma malícia inquietante, todas as emoções e todos os saberes). Num outro texto, intitulado «Que pode hoje a literatura?», doutrina ainda Manuel Antunes que a literatura, sempre a «autêntica literatura», possui um poder «*mostrativo*», não «*de-monstrativo*» (Antunes, 2009a: 61-62), pois permite colocar a questão «[...] que é o homem?» (Antunes, 2009a: 60), e, mesmo que não «cure» ninguém, mesmo que não «oriente» ideologicamente ninguém, ela «significa sempre» (Antunes, 2009a: 59), encontrando-se nessa *promesse de bonheur* a sua «qualidade» e a sua «essência» (Antunes, 2009a: 59). Não reconhecer isso é não reconhecer a literatura como discurso dissimulado de uma liberdade dolorida, porque (com elegante subversão) nos devolve vontades de esperanças confidenciais, porque nos repreende, porque nos lembra que não podemos perder a nossa essência humanista, porque nos recorda a fragilidade humana. Jorge Luís Borges, por sua vez, dizia que «ser imortal» «é insignificante» e que, «com exceção do homem,

todas as criaturas o são, pois ignoram a morte» (Borges, 1998: 560). Pessoa, por sua vez, escrevia que a «grande arte [...] [continuamente] aponta a nossa imperfeição» (Pessoa, 1986b: 1214). E esta «liberdade», dolorida, não se fundamentará na possibilidade de interrogarmos a vida em todas as suas dimensões? É possível que haja nesse beneplácito uma tímida concessão da arte literária. Mas não é igualmente menos possível que (pela leitura do texto literário, pela vivência do fenómeno estético-literário) possamos aspirar, como Manuel Antunes desejava, ao aperfeiçoamento interior. Será esse o derradeiro patamar, antes de conseguirmos aquela «consolação espiritual» de que nos fala Fernando Pessoa (1986b: 1242). E o caminho para essa *essencialidade* começa quando o texto literário entra em nós, quando o texto literário nos acomoda à intimidade dos nossos afetos mais esquecidos, quando o texto literário nos entrelaça, quer com a nossa própria consciência, quer com uma *outra* consciência que (dissimuladamente ou não) se manifestou nesse texto. É, afinal, para isso mesmo que Manuel Antunes aponta, quando, respondendo à pergunta «Para que serve a literatura?», a «autêntica literatura», garante: serve para «desmistificar» «as falsas aparências» e «transcender» «limites artificiais que os homens se esforçam por traçar levados por hábitos antigos ou por interesses imediatos»; serve para unir a «mentalidade arcaica» (caracterizada pela «dinâmica da integração do homem no seu contorno, cósmico e humano, pelo modo *estético* que ele tem de habitar o universo, pelo predomínio dos fatores imagéticos e afetivos» (Antunes, 2009a: 48)) à «mentalidade moderna» (caracterizada pela «rutura do homem com a sua circunstância, [...] pelo sentido da inovação, da aventura e do risco, pela adesão à temporalidade histórica e à dissecação do real pela análise [...], pelo primado do serial e do quantitativo [...]» (Antunes, 2009a: 48)); serve, em última instância, para nos mostrar a nossa contingência e a figuração da nossa própria naturalidade. George Steiner di-lo-ia mais tarde de outro modo, ao ensinar que a obra artística nos põe «em contacto com o nascimento da nossa consciência» e da nossa própria «liberdade» (Steiner, 1993: 164 e 150).

#### 4.

Ora, tal equacionamento deste problema articula-se com os perigos que, segundo Manuel Antunes, afetam a literatura: o cientificismo e a massificação da grande literatura. Ao primeiro risco associa a «mentalidade hoje dominante nas chamadas “sociedades industriais” ou “evoluídas”» (Antunes, 2009a: 42), com as compreensíveis consequências: antes de mais, a perda da «ingenuidade» e da «espontaneidade»

(«a tendência e o pendor para tudo pensar, tudo estimar, tudo avaliar em termos de racionalidade, de objetividade, de quantidade, de cálculo e de eficácia» (Antunes, 2009a: 42)), deixando «as categorias de Verdade, de Beleza, de Racionalidade» de «ocupar o primeiro plano no quadro espiritual» (Antunes, 2009a: 20); depois, a diminuição do prestígio das grandes literaturas e dos seus cultores (Antunes, 2009a: 42); finalmente, a diminuição do âmbito de exploração literária:

A literatura [...] viu [...] vários dos seus domínios confiscados: estes, em proveito da psicologia; aqueles, em proveito da sociologia; outros, em proveito do cinema. Ficou-lhe, incontestado, o espaço da linguagem: da linguagem como objeto estético, como exercício e como significação. (Antunes, 2009a: 43)

Ao segundo risco (consumismo e massificação da grande literatura) – também associado à «mentalidade moderna» –, ainda que nele encontre um ponto positivo (a democratização da grande literatura (Antunes, 2009a: 44)), confere a delapidação do património literário (Antunes, 2009a: 44-45) e o «mundialismo literário» (Antunes, 2009a: 45-46). Em última instância, poder-se-ia alegar, com Manuel Antunes, que «Apolo cedeu perante Diónisos, [...] o deus da tempestade destruidora e da noite fecunda venceu o deus do dia luminoso e sereno» (Antunes, 2009a: 20).

Queremos com isto dizer que, de acordo com as suas reflexões, é possível enquadrar uma determinada conceção sobre o fenómeno literário (que sempre colocava o homem no centro das suas preocupações) em moldes passíveis de o integrar numa dinâmica muito própria; e considerá-lo da forma que considerou implica aceitar o *acrescento de informação* e a dinâmica transformacional decorrente do processo dialógico (e dialógico) entre autores e leitores – processo esse irredutível, porém, a quaisquer circunstâncias de incidência ideológica. A literatura deve recusar «ideologias», «escolas», «poderes estabelecidos», assevera, porque «ela representa a constante e permanente vontade, que habita e anima o escritor, de transformar, de organizar a seu modo, de transfigurar, desde dentro, a realidade por ele percecionada, sentida e pensada» (Antunes, 2009a: 61) – não querendo, naturalmente, com isto dizer a rescisão do compromisso para com princípios sistemáticos de alcance programático.

## 5.

Manuel Antunes não desconhecia as teorias e as correntes que conformavam o campo da teoria e crítica literárias; não desconhecia o imanentismo da escola formalista, ou do *New Criticism* norte-americano (nem certamente desconheceria o «il il n'y a pas de hors-texte», de Derrida) – quadros hermenêuticos que encontravam, e iriam encontrar,

o contra-argumento nas teorias subjetivas (como a freudiana, a lacaniana, a fenomenológica, a *Reader-Responde Criticism*) e no *Historical Criticism*. Este professor, que se reconhecia de «natureza essencialmente pedagógica» (como se confessa a António Sérgio, em carta de 2 de fevereiro de 1955 (Antunes, 2010: 144)), não desconhecia o panorama crítico, tão-pouco o contexto literário português; desde o Padre António Vieira até Pessoa, passando por Pascoaes, Régio, Aquilino, Nemésio, Torga, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Namora, Sophia, Agustina, Ruy Cinatti, Pedro Tamen, David Mourão-Ferreira, José Lins do Rego, Unamuno, Claudel, Rimbaud, Sartre, Camus, Gide, Mauriac, Cocteau, Barthes, Dickens, John Steinbeck, Thomas Mann, Rilke, Eliot, Marx, Gogol, Dostoievski, Gino Saviotti, entre muitos outros (Antunes, 2009b), foram muitos os autores (e obras) que leu, estudou e analisou. E apre(e)ndendo as suas críticas e as suas recensões, estaremos em condições para compreender ainda melhor a «grande confusão» que, na sua ótica, caracterizava (também) a literatura portuguesa no pós-Guerra:

[...] um vasto mar tumultuante, onde todas as correntes se entrecrocavam, últimas e violentas: desde a solidão completa do homem sem Deus e sem a humanidade de seus irmãos, ao extremo coletivismo em que a pessoa desaparece na massa, calcada pelos tiranos; desde o heroísmo da santidade, à última degradação do vício, defendido como supremo valor; desde o esteticismo bizantino à literatura empenhada no combate por uma existência melhor. (Antunes, 2009a: 123)

Integrando a literatura portuguesa na literatura europeia e na relação entre o homem e Deus, Manuel Antunes acaba por sustentar uma visão literária e crítico-literária inseparável da visão filosófica, considerando a literatura portuguesa dos anos 50 a 70 reflexo da desumanização do homem que, desamparado dos valores e virtudes morais e sociais, se revolta contra Deus. Como quer que seja, com esta posição se relaciona, apesar de tudo, no seu pensamento, o pendor humanista de que a sua conceção de crítica literária naturalmente se reclama, bem como uma aproximação particular ao texto literário, nela vendo, pela *pergunta* inicial, a possibilidade de um *acrescento* que derivará da autoconsciência e da consciência, difícil e complexa, do mundo e do homem.

## 6.

Num texto de 1960 intitulado «Da crítica literária», Manuel Antunes professa que a crítica literária é, antes de tudo, uma *pergunta*, pergunta essa a que atribui três

figurações: a pergunta «englobante», a pergunta «discriminadora» e a pergunta «integradora». À primeira, Manuel Antunes concede a noção de *intuição*:<sup>1</sup> «É a intuição [...] toda a forma de conhecimento – filosófico, científico, estético, místico – que, num instante, ou quase, “toma posse” de um objeto – *ob-iectum* – e das suas conexões imediatas tanto como do horizonte das suas relações possíveis» (Antunes, 2009a: 99); à segunda, as noções de *seleção* e de *relação* – lembrando que a palavra «crítica» «deriva do verbo grego *krino*, que significa separar, joear, destrinçar, julgar», defende que os «dados da intuição encontram-se agora sujeitos ao domínio de uma instância, neste caso, superior: a razão. A razão os avalia, os pesa, os verifica. É neste momento que intervém o poder de relacionar» (Antunes, 2009a: 100);<sup>2</sup> à terceira configuração e etapa da *pergunta* ao texto literário, a pergunta «integradora», Manuel Antunes atribui a integração do autor no contexto:

Diante de um contexto cultural mais largo, a questão é: Que significa este homem? Ou, mais simplesmente: Que significa esta obra? Por ela, o crítico é levado a integrar – ou reintegrar – o autor em si mesmo, o autor na plenitude do seu meio e, para além de tudo, na «ex-sistencialidade» da história. (Antunes, 2009a: 100)

Realce-se, contudo, que a sucessão desses passos se encontra sempre subordinada à lucidez por parte do crítico relativamente a dois princípios: o de se estudar o texto literário *qua* texto literário, no âmbito da sua singular especificidade, dissolvendo-se cifragens empírico-existenciais, maioritariamente biografistas, ou psicologistas.<sup>3</sup> Reside

---

<sup>1</sup> Poderia entrever-se nesta «intuição» aquela «hipótese de trabalho» de que fala Jorge de Sena (com quem, aliás, Manuel Antunes manteve intensa correspondência), quando afirma que «nenhuma crítica pode imaginar-se funcionando num absoluto de estruturas e de correlações internas, *em si*»; e continua: «Não há, na arte como na vida, *em sis*, a não ser como “hipóteses de trabalho”, e é este o erro principal de muita crítica que se imagina “ontológica” ou “fenomenológica”» (Sena, 1977: 123).

<sup>2</sup> De novo se invoque o ensinamento de Jorge de Sena. Num texto intitulado «Sistemas e correntes críticas», escreve: «Se ela for realmente uma *estrutura significativa*, um *objeto estético*, uma criação (e não é necessário que o seja em nível genial), as análises apenas porão em relevo, apenas tornarão visível e sensível e descritível e compreensível, a complexidade que a crítica intuitiva se deleita em “sentir” sem nos dizer objetivamente de que será que ela se constrói» (Sena, 1977: 124-125).

<sup>3</sup> Como não lembrar a conhecida carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931? Referindo-se ao estudo que João Gaspar Simões lhe dedica (intitulado «Fernando Pessoa e as vozes da inocência», publicado, primeiro, no n.º 29 da *Presença* e, mais

nessa consciência a possibilidade para a transcensão qualitativa da crise com que se compromete o segundo princípio: o do acréscimo de sentido. Por um lado, importa, com o bom senso e o peso certo, moderar o leitor do peso opressivo da *estória* (atitude que infelizmente ainda hoje vamos diversamente encontrando) – não constituindo condição *sine qua non* saber, por exemplo, se o autor era homossexual, quantas amantes tinha tido, em que jardins passeou, etc.<sup>4</sup> Importa, por outro lado, com o bom senso e o peso certo, imprimir a objetividade do entendimento, instituída essa sobre a dominante que viabiliza o estabelecimento de um princípio segundo o qual o que importa não é a intenção do sentido,<sup>5</sup> antes o esclarecimento possível do sentido; e, para Manuel Antunes, o «prestígio da magia e o sentido do mistério» deve ser preservado pelo crítico literário, di-lo em 1957 (Antunes, 2009a: 20) – curiosamente, no mesmo ano em que Eduardo Lourenço publica na página literária do *Diário Ilustrado* o texto «Ficção e realidade da crítica literária», aí se referindo ao crítico literário que, na «qualidade mágica de “Crítico”», se assume como «moedeiro falso» da «escroqueria contínua da feira das vaidades literárias», quando, na verdade, não passa de um «sacristão com tendência a perder a cabeça por tocar nos vasos sagrados» (Lourenço, 1994: 17 e 22).

---

tarde, incluído no livro *O Mistério da Poesia*, do mesmo Gaspar Simões), diz Pessoa: «A meu ver [...], a função do crítico deve concentrar-se em três pontos: (1) estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar a *explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.); (3) compreendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento. Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomático, mas até com a verdade, meu querido Gaspar Simões, há que haver diplomacia» (Pessoa, 1986b: 332).

<sup>4</sup> «Pôr em princípio que um poema, um romance, uma peça de teatro estão “explicados”», adverte Manuel Antunes, «quando ao seu autor foi encontrada a genealogia psíquica, ou lhe foram descobertas as taras e os complexos, ou quando ele pôde ser tipologicamente situado em relação ao seu meio, à sua classe e ao seu tempo, é ignorar que esse poema, esse romance, essa peça de teatro são seres à parte, seres em linguagem, através dos quais vêm ao mundo constituindo um novo mundo, ideias, ações, imagens, sentimentos, ritmos, símbolos». E conclui: «São, também, produtos de tal ou qual estrutura anímica, de tal ou qual ambiente que assistiu à sua gênese? Sem dúvida. Mas, em crítica literária, o que antes de mais parece dever contar é a essência e a modalidade desses seres à parte. Essência a compreender, modalidade a descrever, significação a analisar e a captar» (Antunes, 2009a: 73-74).

<sup>5</sup> A «confusão da intenção», diria Adorno (s.d: 172); a «interpretação», Eliot (1992: 18); a «intenção», Valéry (1957: 557); o «reconhecimento monológico do sentido», Kovadloff (1978: 36).

Assim, e em conclusão: para Manuel Antunes, se é certo que o ato de crítica literária é determinado pelo «rigor exemplarmente científico» (Antunes, 2009a: 74), pela objetividade e por uma auto-organização (que pode, aliás, diferir de sistema crítico para sistema crítico, mas que é necessária e variavelmente determinada pela judiciosa polifonia disciplinar);<sup>6</sup> se é verdade que o ato de leitura, esse encontro frutífero com a florescência dos sentidos, deve figurar, prefigurar e configurar a hipótese plurissignificativa («A verdade, em literatura, aparece [...] como *filia plurimum*», diz (Antunes, 2009a: 82)); se será correto afirmar que o crítico literário se encontra delimitado por uma conceção do mundo e de linguagem, que o orientam na sua «própria recriação» (Antunes, 2009a: 80), conceções essas que deverão necessariamente subtrair-se à conotação ideológica, ou, como diria Fernando Pessoa, à imposição de «elementos morais», «políticos», «filosóficos», «religiosos»;<sup>7</sup> se é verdade considerar que, na sua conceção fenomenológica de crítica literária, a «crise de difusão»<sup>8</sup> e a «crise de método»<sup>9</sup> da crítica literária são temperadas pelo princípio de «orientação» (que, correspondendo ao «princípio da intencionalidade» que Husserl recebeu dos escolásticos, orienta a atenção

<sup>6</sup> Trata-se daquela «polifonia» à qual se referirão Viktor Zmegacse, em 1979 – quando alude à necessidade de a «ciência literária» recorrer a disciplinas com outras bases funcionais (Zmegac, 1982: 96-97) –, e, em 1966, Jorge de Sena – quando, apontando o dedo a «uma das maiores perfídias do que se chama correntemente crítica», «a descarada parcialidade», sublinha que a crítica literária «não existe sem as disciplinas anclares»: «A arte da erudição, a ciência de colacionar e de fixar textos (ou “textual criticism”), a linguística, a filologia, a história, a filosofia, a sociologia, a psicologia, a literatura comparada, a teoria da literatura, a ciência da bibliografia, todas as disciplinas das ciências humanas, e também a matemática moderna e a estatística, e a fonética laboratorial, e a teoria da música [...]» (Sena, 1977: 150-151).

<sup>7</sup> De novo não podemos deixar de invocar a doutrina de Jorge de Sena: «[...] a moderna crítica não está interessada em julgar, mas sim em compreender. Não em impor, mas em explicar. O que evidentemente não significa que um crítico não possa ser um militante de qualquer ideologia e não tenha o direito de condenar em nome dela. *Apenas em nome dela*, e não em nome dos critérios estéticos que não aplicou» (Sena, 1977: 142).

<sup>8</sup> «Todos se julgam aptos a analisar uma obra e toda a espécie de obras, a emitir juízos perentórios, a consagrar e a desconsagrar autores [...]» (Antunes, 2009a: 73).

<sup>9</sup> «A crítica literária [...] tem-se desenvolvido à sombra de outras disciplinas [...]: da filosofia, da história, das ciências da natureza, da sociologia, da psicologia, das próprias técnicas [...]» (Antunes, 2009a: 73).

da leitura para «o objeto literário» (Antunes, 2009a: 76)), pelo princípio de «significação» (pelo qual se entende que a crítica literária, com os indispensáveis «*distanciamento*» e «*adesão*», é uma «re-criação», uma «dilatação de sentidos» (Antunes, 2009a: 79)) e pelo princípio de «consciencialização» (na exigência de a «consciência crítica [...] a si própria se elucidar nas suas relações com o objeto» (Antunes, 2009a: 81)); se é justo sustentar que a precisão do gesto crítico se encontra dependente quer da *intuição da totalidade*,<sup>10</sup> quer do poder de uma consciente despersonalização,<sup>11</sup> quer ainda de um vasto conjunto de outras propriedades («percepção, [...] atenção, inteligência, conhecimento, gosto, simpatia, análise, síntese, comparação» (Antunes, 2009a: 84)),<sup>12</sup> não é menos correto aceitar que

---

<sup>10</sup> «Ao crítico», escreve, «a esse homem que tem por missão recriar, interpretar, arrancar dos limbos da obscuridade a obra do artista para a fazer passar através duma luz verdadeira, nada do que é humano pode ser alheio. [...] Que pedimos nós ao crítico? [...] essa intuição compreensiva do ser em totalidade, esse olhar penetrante que sabe ver o sentido e a qualidade duma obra e, através desta, nos revela um homem: o autor» (Antunes, 2009a: 91).

<sup>11</sup> É, segundo Manuel Antunes a «disposição de universalidade que leva o crítico a despersonalizar-se sem perder a autonomia» (Antunes, 2009a: 92). Lembremo-nos do que, a este propósito, escreveu igualmente Fernando Pessoa, ao referir-se às qualidades do «verdadeiro crítico»: «[...] uma cultura vasta, embora não seja profunda, para que possa compreender o que de diversos ramos da ciência, da arte ou da especulação, se encontre, de um modo ou de outro, refletido nas obras de arte; e um grande poder de despersonalização, para que prontamente se integre em estados de espírito alheios aos que lhe sejam frequentes ou conhecidos, e assim possa sentir os sentimentos alheios, os sentimentos que não sente. Desta segunda qualidade nascerá naturalmente a imparcialidade» (Pessoa, 1993: 391-394).

<sup>12</sup> Também a esta ideia Pessoa se referira em 1916. Num texto onde se pronuncia sobre uma crítica de Alfredo Pimenta à colaboração de Camilo Pessanha na revista *Centauro*, refletindo sobre o «homem de erudição» e o «homem de cultura», localiza na carência dessa «erudição» e dessa «cultura» muitos dos defeitos dos críticos literários de então. E acrescenta: «Entre nós, como, aliás, em muita parte do estrangeiro, a crítica literária está entregue a indivíduos sem preparação alguma para formar um juízo em matéria de arte escrita, quer por uma falta total de cultura, quer por uma especialização excessiva em certas formas de leitura» (Pessoa, 1993: 389). E, a título de curiosidade, recorde-se ainda um outro texto, sem data, em inglês, intitulado «Uselessness of criticism», no qual Pessoa acrescenta outras qualidades necessárias ao crítico literário: o «conhecimento do passado literário», o «gosto apurado» e a «imparcialidade»: «For how is a critic to judge? What are the qualities that make, not the casual, but the competent critic? A knowledge of past art or literature, a taste refined by that knowledge, and an impartial and judicious spirit. Anything less than that is fatal to the true play of the critical faculties. Anything more than that is already creative

o ensinamento e a vida de Manuel Antunes apontam, visivelmente, para uma dominante que não pode ser encarada à margem de uma conceção filosófica (no que de ético essa visão comporta) que ilustra um posicionamento «aquém e além dos diversos “humanismos históricos”» (Antunes, 2010: 232), onde o constante autorreconhecimento permite uma contínua interrogação e continuada incerteza.

Não se alicerçará, afinal, esta interrogação nas possibilidades de leituras da literatura, passíveis de, por elas, se poder ambicionar a *essencialidade* em «coerência íntegra» com o «Universo» e a «Vida» (Antunes, 2010: 232)?

«Ao crítico», explica, «pede-se que tudo recomece desde a raiz» (Antunes, 2009a: 99), sublinhando, assim, a importância de recriar, dilatar, amplificar os sentidos do texto literário com um objetivo: contribuir para revelar a «substância humana». Em última análise, acaba por ser para esta ideia que reenviam as suas palavras, quando, no texto de 1966 que recordámos no início («Para que serve a literatura?»), ensina que a literatura é, «na sua ordem específica, coisa insubstituível»; «Não apenas», esclarece, «por se encontrar demasiado enraizada na história da humanidade e, sobretudo, na história da cultura do Ocidente», a literatura é «coisa insubstituível» essencialmente por outro motivo:

[...] ela representa o meio, porventura o mais adequado e, certamente, o mais claro, o mais acessível e o mais completo, para o homem exprimir a sua perene e múltipla vontade de consciência, de descoberta, de evasão, de autenticidade, de criatividade, de transcendência, de essencial. (Antunes, 2009a: 49-50)

## Bibliografia

- Adorno, T. W. (s.d). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.
- Albaladejo Mayordomo, T. & Chico-Rico, F. (1994). La teoría de la crítica lingüística y formal. In P. Aullón de Haro (Ed.). *Teoría de la Crítica Literaria (175-293)*. Madrid: Editorial Trotta.
- Antunes, M. (2009a). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. v, vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2009b). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. v, vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2010). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. VI). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

---

spirit, and therefore individuality; and individuality means self-centredness, and a certain imperviousness to the work of others» (Pessoa, 1986c: 123).

- Bain, C. E. et al. (Eds.) (1994). *The Norton Introduction to Literature* (6.<sup>a</sup> ed.). New York/London: Norton & Company.
- Bakhtine, M. (1978). *Esthétique et Théorie du Roman*. Paris: Gallimard.
- Bakhtine, M. (1984). *Esthétique de la Création Verbale*. Paris: Gallimard.
- Barthes, R. (1982). História ou literatura. In J. Barrento (Org.) *História Literária – Problemas e Perspectivas* (43-66). Lisboa: Apáginastantas.
- Barthes, R. (1984). Sur la lecture. In *Le Bruissement de la Langue. Essais Critiques* (vol. IV) (37-47). Paris: Seuil.
- Barthes, R. (1987). *O Rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70.
- Bennet, A. & Royle, N. (1995). *An Introduction to Literature, Criticism and Theory. Key Critical Concepts*. London/New York: Prentice Hall/Harvester Wheatsheaf.
- Borges, J. L. (1998). *Obras Completas (1923-1949)* (vol. 1). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Burke, S. (1993). *The Death and Return of the Author. Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Carroll, D. (1982). *The Subject in Question. The Languages of Theory and the Strategies of Fiction*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Chédin, J.-L. (1997). *La Condition Subjective. Le Sujet entre Crise et Renouveau*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- Coelho, J. do P. (1976). *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Derrida, J. (1967a). *De la Grammatologie*. Paris: Éditions du Minuit.
- Derrida, J. (1967b). *L'Écriture et la Différence*. Paris: Seuil.
- Eco, U. (1962). *Opera Aperta*. Milano: Bompiani.
- Eco, U. (1979). *Lector in Fabula: La Cooperazione Interpretativa nei Testi Narrativi*. Milano: Bompiani.
- Eco, U. (1990). *I Limiti dell'Interpretazione*. Milano: Bompiani.
- Eliot, T. S. (1992). Criticar o crítico. In *Ensaio Escolhidos* (233-246). Selec., trad. e notas M. A. Ramos. Lisboa: Edições Cotovia.
- Foucault, M. (1968). Distance, aspect, origine. In *Théorie d'Ensemble* (11-24). Paris: Éditions du Seuil.
- Foucault, M. (1992). *Les Mots et les Choses*. Paris: Gallimard.
- Fromm, H. (1991). *Academic Capitalism and Literary Value*. Athens/London: The University of Georgia Press.
- Gadamer, H.-G. (1976). *Vérité et Méthode*. Paris: Seuil.
- Ingarden, R. (1979). *A Obra de Arte Literária* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jauss, H. R. (1978). *Pour Une Esthétique de la Réception*. Paris: Gallimard.
- Kovadloff, S. (1978). Da objectividade ao impressionismo na crítica literária. *Colóquio/Letras*, 42, 36-43.
- Kristeva, J. (1969). *Recherches pour Une Sémanalyse*. Paris: Seuil.
- Lopes, T. R. (1990). *Pessoa por Conhecer – Textos para Um Novo Mapa* (v. II). Lisboa: Editorial Estampa.

- Lourenço, E. (1994). Ficção e realidade da crítica literária. In *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)* (15-23). Lisboa: Editorial Presença.
- Mourão-Ferreira, D. (1992). *Tópicos Recuperados*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pessoa, F. (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por G. R. Lind & J. do P. Coelho. Lisboa: Edições Ática.
- Pessoa, F. (1986a). *Obras de Fernando Pessoa* (v. I). Intros., org., biobibliog. e notas de A. Quadros. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Pessoa, F. (1986b). *Obras de Fernando Pessoa* (v. II). Intros., org., biobibliog. e notas de A. Quadros. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Pessoa, F. (1986c). *Obras de Fernando Pessoa* (v. III). Intros., org., biobibliog. e notas de A. Quadros. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Pessoa, F. (1993). *Pessoa Inédito*. Coord. T. R. Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pessoa, F. (1996). *Correspondência Inédita*. Org. M. P. da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ponzio, A. (1982). *Spostamenti: Percorsi e Discorsi sul Segno*. Bari: Adriatica.
- Pope, R. (1995). *Textual Intervention. Critical and Creative Strategies for Literary Studies*. London/New York: Routledge.
- Ricoeur, P. (1985). *Temps et Récit – Le Temps Raconté* (v. III). Paris: Seuil.
- Selden, R. (1990). From persona to the split subject. *Comparative Criticism*, 12, 57-70.
- Sena, J. de (1977). *Dialécticas Teóricas da Literatura*. Lisboa: Edições 70.
- Silva, V. M. de A. e (1997). *Teoria da Literatura* (8.ª ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Steiner, G. (1993). *Presenças Reais. As Artes do Sentido*. Lisboa: Editorial Presença.
- Valéry, P. (1957). *Oeuvres* (v. I). Paris: Éditions Gallimard.
- Villanueva, D. (Coord.) (1994). *Curso de Teoría de la Literatura*. Madrid: Taurus.
- Walton, W. G. (1981). V. N. Voloshinov: A marriage of formalism and marxism. In P. V. Zima (Ed.), *Semiotics and Dialectics. Ideology and the Text* (39-102). Amsterdam: John Benjamins B. V.
- Wimsatt, W. K. (1967). *The Verbal Icon. Studies in the Meaning of Poetry*. Lexington: Kentucky Paperbacks/University of Kentucky Press.
- Zmegac, V. (1982). A história literária como problema. In J. Barrento (Org.), *História Literária – Problemas e Perspectivas* (87-107). Lisboa: Apáginastantas.